

Escola: Solução ou problema?

Schooling: Solution or problem?

Nina Rosa Dantas Medeiros
é Mestre em Educação,
Graduada em Letras e Professora
do Colégio Militar de Brasília

A concepção de Illich: uma abordagem surpreendente

Illich foi surpreendente em seu ensaio ***Sociedade Sem Escolas***, onde apresenta argumentos muito bem fundamentados para mostrar que a institucionalização de valores leva inevitavelmente à crescente confiança nos cuidados institucionais que adiciona nova dimensão à impotência dos pobres, que é a impotência psicológica e a incapacidade de força pessoal – o que ele chama de modernização da pobreza. Para justificar seu ponto de vista, faz uma comparação entre o excesso de atendimento profissional que é dado hoje ao pobre nos EUA e ao pobre do terceiro mundo. O excesso de atendimento dado àqueles é prejudicial à medida que os tornam dependentes de mais atenções, deixando-os, ao longo do tempo, mais incapazes de gerir suas próprias vidas no âmbito pessoal e comunitário, mantendo-os carentes não apenas de recursos de ordem material, mas escravizando-os também psicologicamente. As hierarquias das instituições capitalistas convenceram as pessoas de que seu trabalho é moralmente necessário, daí o poder destrutivo dessas instituições de bem-estar. Esse é o perigo inerente na ‘pobreza modernizada’.

O autor coloca que o objetivo do seu trabalho é

mostrar que a institucionalização de valores leva à poluição física, poluição social e à impotência psíquica: três dimensões de um processo de degradação global e miséria modernizada (p.22).

Ou seja, a escola escolariza a imaginação, a vida, as ações do indivíduo, deixando-o submisso aos interesses tecnocratas; e este, em vez de lutar pelo que quer, aprende a esperar tudo do estado.

Para o autor, “a sociedade como um todo deve ser ‘descolarizada’.” (p.23), pois a realidade social tornou-se escolarizada, deixando as pessoas incapazes de ‘pensar’ o mundo, de aprenderem por si próprias sem a dependência do tratamento institucional, onde tudo o que acontece fora da desta institucionalização é visto com desconfiança. Apesar de ter escolhido a escola como paradigma, aborda outras instituições do estado que teriam o mesmo papel: a família – consumidora, o partido, o exército, a igreja, os meios de comunicação. Reafirma o papel principal da educação pública nesta escolarização da sociedade em proveito das instituições que, por meio dos currículos, visam diplomas que são resultados de instrução, dependendo sempre mais do número de anos de freqüência à escola. A instituição cria as definições e parâmetros de vida moldadas aos interesses capitalistas; o tratamento da instituição gera a dependência dela, tornando o cidadão incapaz de gerir seus próprios problemas.

A aplicação dos recursos pelas instituições é mal feita, geralmente administrado com incompetência. Para Illich, o sistema escolar é o mais incompetente entre todos os outros, o que pior aplica e gerencia os recursos, aumentando as diferenças sociais e o desfavorecimento dos mais necessitados. Nesta engrenagem, o estudante pobre sempre estará em desvantagem, pois depende deste modelo de escola para aprender.

Os países da América Latina já atingiram o ponto de partida para a pobreza modernizada. As leis estabelecem escolaridade longa, mesmo que apenas poucos consigam atingi-la. O pobre está preso à escola, onde agora é possível aplicar mais verbas públicas para a educação de poucos. A convicção de que a escolarização universal é necessária, é mais forte nos países em que menos pessoas têm acesso e são beneficiadas por ela, mostrando que os pobres não obtêm a igualdade por meio da escolarização obrigatória. A escola mostra a educação como dispendiosa e complexa, desencorajando outras instituições como o trabalho e a família a assumirem tarefas educacionais, sendo que a prática tem demonstrado que quanto mais se gasta e se investe em educação, menos resultados aparecem. “A escolarização obrigatória, igual para todos, deve ser reconhecida como impraticável, ao menos economicamente.” (p.32). Esta educação polariza, elitiza, dando os parâmetros de pobreza e riqueza, de acordo com os anos de freqüência à escola. Assim como o mundo físico está ameaçado de poluição, a vida social também é ameaçada pela poluição “Saúde,

*Educação e Bem-Estar, o inevitável subproduto do consumo obrigatório e competitivo de bem-estar” (p.33). Esta **ideologia dominante** da obrigatoriedade escolar desencoraja qualquer iniciativa de aprendizagem não escolar. Obrigatoriedade escolar é confundida com igualdade de oportunidades na educação. “A igualdade de oportunidades na educação é meta desejável e realizável, mas confundi-la com obrigatoriedade escolar é confundir salvação com igreja.” (p.35)*

A instituição cria as definições e parâmetros de vida, definindo o que é pobreza, o que é “*ser pobre*”: a pobreza se aplica àqueles que ficaram aquém de algum **ideal de consumo** propagandizado. Porém, ressalta Illich que a maior parte do aprendizado ocorre casualmente, assim como a maior parte da aprendizagem intencional não é resultado de uma instrução programada.

Pobres e ricos dependem igualmente de escolas e hospitais que dirigem suas vidas, formam sua visão de mundo e definem para eles o que é legítimo e o que não é. O medicar-se a si próprio é considerado irresponsabilidade; o aprender por si próprio é olhado com desconfiança; a organização comunitária, quando é financiada por aqueles que não estão no poder, é tida como forma de agressão ou subversão. A confiança no tratamento institucional torna suspeita toda e qualquer realização independente. Em toda parte não apenas a educação, mas a sociedade como um todo precisa ser ‘descolarizada’. (p.23)

Deveria ser abolida a discriminação atual em favor de pessoas que detêm os certificados desqualificando os que não os possuem. O sistema escolar é baseado na ilusão de que aquilo que se aprende é resultado do ensino; assim, a escola insiste em “*embrulhar a instrução com diplomas*” (p.36). Dessa forma a escola fornece instrução e não aprendizagem, ignorando que “*a maioria das pessoas adquire seus conhecimentos fora da escola.*” (p.37). A aprendizagem ocorre mais casualmente do que intencionalmente e geralmente é subproduto de alguma atividade. Isso não significa que “*a aprendizagem planejada não se beneficia de instrução planejada*” (p.38), como treinamento em habilidades específicas. A entrada em um programa de aprendizagem numa habilidade pode exigir experiência em outra, mas não deve depender do processo pelo qual tais habilidades foram adquiridas.

O Estado molda todos os cidadãos dentro de um currículo hierarquizado. O monopólio da escola cria um sistema que combina legalmente preconceito com discriminação.

Illich propõe a substituição da subvenção na instituição Educação pelo aumento dos benefícios em bolsa de estudo, crédito para ser disponibilizado na educação que o cidadão receberia, em um programa de ‘descolarização’, para serem usados quando julgassem oportuno ao longo da vida, sem a obrigatoria manipulação mercadológica que a escolarização consubstancia em favor da institucionalização, exigindo que apenas quem detenha o ‘certificado’ estaria apto a ensinar. A ‘descolarização’ da sociedade envolve dupla aprendizagem: educação prática que deve ser dada fora dos limites do currículo (no trabalho, por exemplo); e a educação liberal, que deve ser desvinculada da frequência obrigatória. Por esses motivos, para o autor, a escola não é o lugar propício para nenhuma das duas formas de educação, pois nega o aprendizado entre interação dos colegas e o conhecimento acumulado na e pela comunidade. A cultura popular vem da mobilização de toda a sociedade e não da obrigatoriedade da escola, onde até a competência do professor é restringida ao que é por ela permitido fazer. Esta instituição gira em torno de professores e alunos, embora se aprenda muito mais fora dela; a escolarização discrimina todos que estejam na faixa etária que ela obriga; os pobres colocam seus filhos nas escolas objetivando “certificados” apenas; professores e outros profissionais vinculados à escola precisam da instituição para garantir seus empregos; o tempo integral que ela subordina os alunos consome todas as suas energias com freqüentes exigências. Dessa forma, a escola nos inicia no **Mito do Consumo Interminável** – tudo gira em torno dela; institui como legítima toda atividade profissional em que os valores são quantificados, até a imaginação e o próprio homem: cada um sabe o seu lugar e tudo o que não pode ser medido é ameaçador e secundário.

Passar ao educando ou ao seu responsável a iniciativa e responsabilidade da aprendizagem é visto como incoerente e sem fundamentos pelo educador tradicional; isso seria abrir o mercado que hoje é fechado em torno deles; seria colocar professores com alunos certos sem o constrangimento do currículo, tirando os direitos educacionais exclusivo das escolas. O currículo funciona como um pacote que é consumido pelo ‘aluno – consumidor’ e elaborado por distribuidores especialistas educacionais, o ‘professor – distribuidor’, como em um mercado financeiro; e errados são os que conseguem resistir a essa manipulação. A escola, no mundo moderno, é o ‘*mito do paraíso perdido*’ que veio substituir a Igreja na obtenção do paraíso terrestre para quem a abraçar, sendo

alvo de todas as esperanças do pobre em conseguir o seu lugar ao sol. Essa transferência de responsabilidade do eu para a instituição acarreta regressão social, sobretudo quando foi aceito como obrigação. E, assim como as relações sociais dicotomizam o mundo e as pessoas em sagrados e profanos, a escola dicotomiza a sociedade em escolarizada e descolarizada. Sem falar que todos os estudantes passam por um processo acadêmico tal que apenas se sentem felizes quando na companhia de companheiros que consomem os mesmos produtos da **maquinaria educacional**.

As escolas são obrigatórias, intermináveis e competitivas, preparando o homem apenas para o ‘fazer’ e não para o ‘agir’ – ela faz com que os homens abdicuem à responsabilidade por seu crescimento próprio. Se a antiga universidade era local aberto para descobrir e discutir idéias novas e velhas, sendo uma comunidade de pesquisa acadêmica e inquietude geral, a moderna monopoliza os recursos de aprendizagem, dando o critério e a distribuição de papéis, fixando **metas de consumo**, deixando de ser o local para encontros e debates. Os universitários só vivem bem entre si, determinando status e verdades para o restante da população.

Congregar pessoas de acordo com seus interesses por determinado assunto para gerar aprendizagem, é muito fácil; mas levantam-se três objeções:

1º) reunir-se em torno a um título exige também a figura de um controlador, o professor, que precisa do emprego criado pela escola, representando diversos papéis: guardião, moralista, terapeuta. Esses papéis dão-no poderes que contribuem muito mais para a distorção da criança. Isso é diferente da aprendizagem liberal, onde quaisquer pessoas podem escolher o que discutir.

2º) pode-se propor restrições em relação à idade, visão de mundo ou outra característica que, na realidade, podem ser resultado da desconfiança da capacidade das pessoas, julgando-as não portadoras de tais características. “Criança”, “Infância” passaram a existir há pouco tempo e quase juntamente com a escola; antigamente as crianças eram educadas em casa e, segundo Illich: “*Só com o advento da sociedade industrial tornou-se possível e acessível às massas a produção da infância*”. (p.59). A educação discrimina o recém-nascido, o adulto e o velho, favorecendo apenas os adolescentes e jovens, institucionalizando que apenas as crianças podem ser instruídas na escola.

3º) a escola, com sua ineficiência característica, dá assistência de local, hora ou material para os encontros; mas organizações não educacionais fariam isso bem melhor, dando ainda a liberdade de os parceiros se encontrarem novamente se quiserem, sem a obrigatoriedade da escola.

O encontro de parceiros para o intercâmbio de habilidades deve basear-se na proposição de que “*educação para todos significa educação por todos*”. (p.52) A cultura popular vem da mobilização de toda a população e não da obrigatoriedade da escola, onde até a competência do professor é restringida ao que é permitido fazer na escola.

Illich aponta a **ritualização do processo** institucional com seus **mitos**:

“*A escola nos inicia também no Mito do Consumo Interminável.*” (p.75). Tudo gira em torno dela, o processo e a demanda, descredenciando o autodidata e, portanto, toda atividade não profissional será suspeita; tendo até a imaginação formada e condicionada a seus ideais, o escolarizado não se surpreende para o bem ou para o mal com os outros, porque a escola lhe moldou o que esperar do outro.

“*O Mito da mensuração dos valores*”: Os valores institucionais que a escola nos passa são quantificados, tudo pode ser medido, até a imaginação e o próprio homem, assim cada um sabe seu lugar e o dos outros; e tudo que não pode ser medido é ameaçador e secundário – “*Num mundo escolarizado o caminho da felicidade está pavimentado com o índice de consumo.*” (p.78).

“*O mito dos valores empacotados*”: O currículo funciona como um produto, que é consumido pelo “*aluno-consumidor*” e elaborado por especialistas educacionais distribuídos pelo “*professor-distribuidor*”. Tudo funciona como um **mercado financeiro**, e errado é o aluno que não se adapta ao “*pacote*” da escola. Os resistentes que conseguem ver que sua capacidade é dada por critérios de outras pessoas, são vistos como errados, pois resistem à manipulação.

“*O Mito do progresso autoperpetuável*”: A escola é vista como uma escala interminável, que deve ser seguida, quem pára ou se atrasa é visto com desdém, como menor, em desvantagem. O valor dessa escalada (maneira americana de fazer as coisas) é ensinado constantemente na escola; o **consumo escolar** não tem fim.

“O jogo ritual e a nova religião do mundo”: Esse ritual de escolarização faz como a igreja que se eternizou até após a morte com o purgatório, céu, etc. A universalização desse ritual de promoções gradativas infinitas, currículos empacotados, participação compulsória e compulsiva – rejeição de quem não acompanha ou aceita o processo faz da escola a *“Igreja Universal” em que a graça é daqueles que acumulam anos de escola.*

“O reino que há de vir: a universalização das expectativas”: A escola é o mito do paraíso terrestre, a esperança dos pobres que têm de, através de degraus, consumi-la interminavelmente. O reino da escola é a sua universalização, que compensará com o reconhecimento os que a ela se submeterem.

“A nova alienação”: Para Marx a alienação era o fato de o trabalho ter se transformado assalariado, que tirou do homem a possibilidade de criar e ser recriado. Mas a escola, não considerada como indústria, é a grande alienadora, pois detém as pessoas por toda a vida ou garante que ela se ajuste a outra instituição, separando educação da realidade e trabalho da criatividade, institucionalizando a vida *“ensinando a necessidade de ser ensinado”* (p.87).

“O potencial revolucionário da desescolarização”: A escola não é a única responsável pela **alienação humana**, mas é a pior delas, pois tem a responsabilidade de formar a capacidade crítica e faz isso com um processo pré-empacotado, tornando a aprendizagem dos alunos, sobretudo, distorcida. Diz Illich: *“A escola nos toca tão de perto que ninguém pode esperar ser dela liberado por meio de outra coisa qualquer.”* (p.88)

A desescolarização tem um grande potencial revolucionário, pois libertar-se da escola dissiparia a ilusão causada por ela, percebendo-se que a maioria da aprendizagem não requer ensino e, dessa forma, o ser humano se libertaria. Só o indivíduo é responsável por sua desescolarização, ninguém mais pode fazê-lo no seu lugar.

A instituição escola é como uma empresa que estimula ao **consumo infinito** de seus produtos; devemos questionar a suposição de que o conhecimento é uma mercadoria que o consumidor-aluno é obrigado a ingerir da forma que a escola quer. Os jovens têm que ser treinados num programa radical de desescolarização para desafiar esse sistema social que põe como obrigações *“a saúde, o bem-estar e a segurança”*. (p.90); isso colocaria a ordem social e econômica em perigo, pois tudo seria questionado.

Enquanto não estivermos conscientes do rito pelo qual a escola modela o progressivo consumidor – o principal recurso da economia – não poderemos quebrar o encanto dessa economia e forçar uma nova. (p.93)

A mudança radical para uma sociedade desescolarizada exige “*novos e formais mecanismos para a aquisição formal de habilidades e sua aplicação educacional (...) e implica em novo enfoque da educação incidental ou informal*”. (p.52); temos que achar **novas formas de aprender e ensinar**, para livrar-nos do processo de instrução e manipulação total da escola que escolariza até a nossa imaginação. Os planejadores futuristas procuram fazer economicamente possível o que é tecnicamente possível, mas não evitam a grande conseqüência social: muitos bens e serviços que poucos podem usufruir. O futuro promissor, segundo o autor, dependerá de uma vida de ação no lugar de uma vida de consumo, e de instituições que estimulem isso, que podem ser escolhidas entre: as “*INSTITUIÇÕES CONVIVIAIS*” ou “*INSTITUIÇÕES MANIPULATIVAS*”

A alternativa que Illich nos apresenta seria investir em uma renovação de estilo nas instituições de serviço e, conseqüente, uma renovação na educação. A escolha está entre dois tipos de instituições que ele classifica como radicalmente opostas: um tipo, que caracteriza tão bem o período contemporâneo e quase o define: a instituição *manipulativa*. Mais influentes, seus serviços são oferecidos com caráter terapêutico ou caritativo, agências sociais especializadas na manipulação dos clientes (manicômios, patronatos, asilos). Seu serviço é mantido por processo de manipulação social imposta, dispendiosa e psicologicamente habitual; o outro tipo, as *conviviais*, que também existe na sociedade, mas de forma precária, modesta, se distinguem pelo uso espontâneo (ligações telefônicas, cabos submarinos, vias postais, etc.). Existem para serem usadas, para produzir algo; põem limite ao seu uso, para facilitar as relações; são redes que facilitam a comunicação ou cooperação dos clientes, que é um agente livre. E para a qual Illich aponta a direção. Seriam aquelas que existem para serem usadas sem que os homens precisem ser institucionalmente convencidos de que é para seu bem usá-las. Uma adesão voluntária e não obrigatória é uma característica desta instituição convivial. Os diferentes custos de aquisição de clientes é outra das características que distinguem as instituições conviviais das manipulativas. Há instituições manipulativas aproximando-se das conviviais e vice-versa, mas as características mais importantes são as citadas acima.

Pontua Illich que há serviços que são públicos apenas no nome, porque na realidade não servem a todos os propósitos, mas apenas a uma minoria privilegiada (privada) que tem acesso ao serviço; a escola é o mais traiçoeiro de todos os *“falsos serviços públicos”*. (p.106). As escolas não estão abertas a todos que desejam entrar, mas apenas aos que constantemente renovam suas credenciais; baseiam-se na hipótese de que a aprendizagem é resultado do ensino curricular, transformam a inclinação natural do ser humano de crescer e aprender em simples instrução. As escolas são obrigatórias e competitivas no universo do consumo, preparando o homem apenas para o ‘fazer’ e não para o ‘agir’.

Há a falsa imagem de educação liberal, que propõe derrubar as paredes da sala de aula, mas com o objetivo de transformar tudo em grande escola, objetivando formar o homem cooperativo e submisso:

A concordância irracional hipnotiza os cúmplices que se comprometem numa exploração mutuamente conveniente e disciplinada. É a lógica gerada pelo comportamento burocrático. E torna-se lógica de uma sociedade que exige que os administradores de suas instituições educacionais sejam publicamente responsáveis pela modificação comportamental que produzem em seus clientes. (p.118).

Os **cúmplices** são o estabelecimento escolar, os técnicos de educação e a escola livre, que propagam uma revolução na escolarização, mas nada fazem. A luta para desinstalar a escola é sem partido e dispersa, por isso a manipulação consumista prevalece, num ciclo vicioso fornecedor-consumidor, com a pesquisa incluída nesse círculo. Seria necessário uma *“nova orientação das pesquisas e nova compreensão do estilo educacional de uma contra-cultura emergente.”*(p.120) para que acontecesse uma revolução educacional.

Breve análise histórica sobre a função da escola

O homem se caracteriza por necessitar continuamente estar produzindo sua existência; esta é a sua marca distintiva. Ele surge no universo, destaca-se da natureza, entra em contradição com ela e, para continuar existindo, precisa transformá-la. O desenvolvimento histórico é o processo através do qual o homem produz a sua existência no tempo. A educação tem suas origens nesse processo, na sociedade antiga e medieval. No início, a educação coincidia com o ato de agir; com o trabalho, portanto. Como não existe produção sem apro-

priação, ao apropriar-se da terra, surge a propriedade privada da terra e a classe dos proprietários. Eles colocavam para trabalhar os não proprietários. É daí, então, que surge a escola que em grego quer dizer o local do ócio. Na idade média, inclusive, evidenciou-se a expressão latina *octium cum dignitate*, o ócio com dignidade.

Nesses dois tipos de sociedade, antiga e medieval, a escola aparecia como atividade complementar, apenas disponível para o pequeno número de proprietários; para a grande maioria dos trabalhadores a educação surgia através da vida, ou seja, o processo do trabalho. Portanto, a educação escolar tinha uma função secundária e dependente da não escolar.

Na época moderna, o processo produtivo desloca-se do campo para a cidade; da agricultura para a indústria. A classe social dominante nesta nova sociedade, a burguesia, diferentemente dos proprietários de terras – os senhores de escravos da Antiguidade, e os senhores feudais da Idade Média, não era ociosa. Pelo contrário, há necessidade de estar produzindo continuamente para reproduzir indefinidamente o capital. Passa a dominar a natureza por meio do conhecimento metódico e converte a ciência em potência através da indústria. É nesse contexto que a exigência do conhecimento intelectual se torna imperativa e necessidade geral. Com o advento dessa nova sociedade, a escola geradora de educação se generaliza e se torna dominante. Assim, até o final da Idade Média, a forma escolar era parcial, secundária, não generalizada – a forma não escolar; a partir da época moderna, ela se generaliza, passa a ser a forma dominante, à luz da qual passa ser aferida as demais.

É nesta situação que hoje nos encontramos. O papel da escola nesse contexto é paradoxal: de um lado, a escola tão generalizada e dominante, porém secundarizada em sua função essencial: propõem-se para a escola os acessórios na expectativa de que ela desempenhe múltiplas funções alheias à sua especificidade e, assim, ela tem perdido o seu papel essencial. Daí, Illich a vê como desnecessária, prescindível, até mesmo prejudicial, o que foi explicitamente formulado na sua proposta de ‘descolarização’ da sociedade: portanto, o que a sociedade de melhor pode fazer com uma instituição ineficiente diante de múltiplas expectativas é ‘se livrar’ dela.

Por outro lado, contraditoriamente, assistimos a uma hipertrofia da escola, tanto vertical como horizontal, reduzindo os demais espaços. No sentido verti-

cal, a tendência a ampliar-se o tempo de permanência nela infinitamente ou antecipando-o com a educação pré-escolar. O Fórum das Entidades Educacionais em Defesa da Escola Pública aprovou o dever de o estado cuidar da educação da criança desde zero ano de idade; exigência da própria família que, em vez de querer para si a responsabilidade da criança desde a idade mais tenra, exige-o da escola. Na extensão horizontal reivindica-se a escola de jornada integral, monopolizando a vida do aluno.

Fica claro que, a partir da sociedade moderna, a forma dominante de educação é a escola. Às outras modalidades referimo-nos como educação não escolar, informal, extra-escolar. A escola tem uma função específica, educativa, propriamente pedagógica, ligada à questão do conhecimento. É preciso, pois, reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar para resgatar a importância da escola. A tendência de secundarizar a escola traduz o caráter contraditório que atravessa a própria sociedade.

Alternativas para manter-se a escola

Segundo Saviani (1988):

O povo precisa da escola para ter acesso ao saber erudito, ao saber sistematizado e, em conseqüência, para expressar de forma elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondem aos seus interesses. (p.84)

A alternativa que ILLICH nos apresenta seria investir em uma renovação de estilo nas instituições de serviço e, conseguinte, uma renovação na educação, tornando-as instituições *conviviais*, de adesão voluntária e não obrigatória. A educação é, sim, determinada pela sociedade, mas que essa determinação está na forma de ação recíproca – o que significa que o determinado também reage sobre o determinante; conseqüentemente, a educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para a sua transformação – e que essa transformação seja salutar às pessoas ao usufruírem dos benefícios da escolarização.

Dá a questão: Como agir nessa nova direção? Qual a alternativa pedagógica que responderia a essas exigências? É possível uma teoria da educação que capte criticamente a escola como instrumento capaz de contribuir para a superação da marginalidade?

Do ponto de vista prático, trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. A escola, se compreendida a partir do desenvolvimento histórico e de sua função específica, torna-se possível a sua articulação com a superação de suas deficiências para tornar-se uma instituição convivial, agindo em benefício dos estudantes e não os equivocando com '*seus falsos serviços públicos*' como nos sugere Illich. Surge daí o necessário resgate da função da escola, inflada em tantas funções acessórias, para o seu papel primordial que é proporcionar o saber sistematizado, metódico, científico e, em conseqüência, expressar de forma elaborada os conteúdos culturais. Por conseguinte, surge o resgate do conteúdo, da formação do professor, a reformulação de currículos, a definição da didática, todos esses fatores adaptados às necessidades reais do educando. O esforço de encontrar saídas para efetivo desempenho da escola em benefício da sociedade, visando contribuir de alguma forma para o crescimento das pessoas com suas reais necessidades na aprendizagem de seus múltiplos fazeres na sociedade moderna e diante do mercado de trabalho. A posição de negação da escola sustentada por Illich é, na verdade, o resultado da triste constatação do seu fracasso e inoperância, enquanto instituição moldada aos interesses capitalistas, em retorno às expectativas daqueles que dela usufruem.

Uma questão importante a ser repensada é a tecnologia como resultado mais evidente do progresso científico no mundo moderno; não podemos negá-la, ignorá-la – ela está aí, impondo seu domínio. Podemos e devemos é procurar alternativas de convivência com essa realidade, revertendo-a sempre em benefício da vida das pessoas. Para isso, no campo da pesquisa, isso requer uma inversão das tendências atuais, focando como sujeito o homem e suas necessidades à manutenção da vida. A escola, nesse contexto, deve ser o local propício a repensar suas propostas de modo a adaptá-las às demandas da modernidade não reproduzindo a crise dos tempos modernos, mas promovendo reflexos em busca de soluções na tentativa de superá-la e transformá-la em bem-estar social.

Gaudêncio Frigotto, em seu estudo sobre educação e o seu comprometimento histórico-crítico, aponta o resgate ou a constituição de uma **escola pública unitária**. Essa escola deve ter como ponto de partida a realidade social, econômica, política, cultural, política, valorativa,

...e essa realidade precisa ser elaborada, desenvolvida no horizonte de maior universalidade, que permita ao aluno avaliar, interpretar e estar apto a desempenhar seu papel participante no seio da sociedade. O caráter unitário dessa escola moderna diz respeito também à ruptura com toda espécie de dualismo na organização do sistema educacional que nos acompanha desde a educação jesuítica, legado de nosso colonizador. (p.47)

Do ponto de vista prático, trata-se de promover vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino. Lutar contra a segregação por meio da escola, significa engajar-se no esforço de garantir ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais, enxugando o tempo de permanência necessário ao aluno na escola, dilatando os benefícios, visando oportunidade ampliada dentro dos limites definidos.

Considerações finais

A educação não deve temer a modernidade, deve procurar conduzi-la e ser-lhe sujeito histórico.

Somos agora, aproximadamente, sete bilhões de pessoas – mais recursos do mundo moderno, mais pessoas. O que nos falta é saber administrar essa modernidade: alguns se dão muito bem, outros nem tanto, não se beneficiam e ficam à parte. A violência incontrolável é a maior evidência do colapso do mundo moderno. As populações mais jovens já não acreditam que o ‘**consumo**’ pode resolver alguma coisa ou lhes tragam maior felicidade ou garantias de proteção, de crescimento. A escola que reproduz essa situação caótica da crise do mundo moderno em vez de promover mudanças está desperdiçando seu poder que é o transformador, que lhe caberia agora, no contexto atual.

Já está havendo outra preocupação entre empresários e homens de negócios no sentido de recuperação da ética mundial, para que todos possam viver de tal modo a poder usar as energias naturais e as beneficiadas de forma que essas energias se tornem benefícios duradouros e recicláveis em suas vidas em vez de infinitamente substituíveis; aí podemos incluir os benefícios que a escola pode proporcionar, objetivando que cada vez menos pessoas fiquem à margem do sistema.

Para finalizar, é importante lembrar que a produção social do saber é histórica, portanto não é obra de cada geração independente das demais. A escola tem justamente a função de permitir que as novas gerações se apropriem, sem refazer o processo, daqueles elementos que a humanidade já produziu e elaborou.

Uma forma de vida sustentável para sete bilhões de pessoas exige mudanças no enfoque do consumo irracional para valores de crescimento humano e social, nas estruturas e funções das instituições. Para que a escola sirva aos interesses da sociedade em geral, fundamental é garantir a todos um bom ensino, oportunizando a apropriação dos conteúdos escolares básicos que tenham ressonância na vida dos alunos, preparando-os para o mundo com suas contradições, oferecendo-lhes uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.

Resumo: Este artigo tem como principal objetivo apresentar a proposta de IVAN ILLICH de “descolarização” da sociedade. ILLICH tem uma posição bastante clara sobre a institucionalização de valores que ele classifica como “*um processo de degradação global e miséria modernizada*”, quando saúde, educação, mobilidade pessoal, bem - estar são definidos como resultados de serviços ou tratamento que levam inevitavelmente à poluição física, à polarização social e à impotência psíquica . A escola, enquanto instituição capitalista, confunde o aluno: quanto mais longa a escolaridade, melhores os resultados; ou então, a graduação leva ao sucesso. O aluno é levado desse modo “escolarizado” a confundir ensino com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é “escolarizada” a aceitar serviço em vez de valor. Nesse contexto das modernas instituições que caracterizam nossa mundividência, a escola foi escolhida como paradigma por articular, através de seus currículos, mecanismos manipuladores da vida, também inseridos em outras instituições, que molda todos os cidadãos dentro de um currículo hierarquizado, em cujo monopólio a escola cria um sistema que combina legalmente preconceito com discriminação, para então desencorajar outras instituições a que assumam tarefas educativas. Para ILLICH, obrigatoriedade escolar é confundida com igualdade de oportunidades na educação. Coloca que a sociedade como um todo, e não apenas a educação, precisa ser “descolarizada” no sentido de o indivíduo aprender por si próprio e não apenas viver dependendo do sistema institucional, em que tudo o que acontece fora desta institucionalização ou escolarização é visto com desconfiança. ILLICH sugere que se busquem formas de renovação na perspectiva educacional, mudando o enfoque vigente e caótico da escola atual. A proposta de um futuro promissor está pautada na nossa capacidade de engendrar um estilo de vida que nos capacitará sermos independentes, espontâneos, em vez de mantermos um estilo de apenas produzir e consumir. Farei ainda um breve estudo histórico sobre a função e o propósito da educação, no intuito de ‘pensar novas propostas’ alternativas para que não consideremos desnecessária a escola na sociedade atual; todavia uma escola renovada, que tenha como ponto de partida a realidade dos sujeitos sociais concretos e suas necessidades no mundo moderno.

Palavras-chave: Escola. Educação. Instituição. Sociedade atual. Novas propostas.

Abstract: The purpose of this article is to present the proposal of IVAN ILLICH of “Deschooling” the society. ILLICH has a very clearly position about the institutionalization of values that is classified as “a process of global degradation and modernized misery”, when health, education, personal mobility, welfare are defined as results of services or treatments that inevitably take to the physical pollution, social polarization and psychiatric impotence. The school, as capitalist institution, confuses the student: the more schooled, the better the results; or else, the graduation takes to the success. The student thereby “schooled” to confuse teaching with learning, diploma with competence, and fluency with the ability to say something new. His imagination is “schooled” to accept service instead of value. In this context of modern institutions which characterizes our world view, the school was selected as paradigm to link, through their curricula, mechanisms to conduct life, also inserted in others institutions, that mould every citizen inside a hierarchic circle, in such monopoly the school creates a system that combines legally prejudice with segregation, so discourage others institutions to assume educative tasks. For ILLICH, the school’s obligation is mixed up with equality education possibilities. Not just education, but whole society needs do be “deschooled”, to the person learn by herself, being independent from institutional system. ILLICH suggests look for renew education perspectives, changing the focus established and chaotic now existing at the school. This suggestion of a promising future is based in our capacity to engender a life style to be capable of being independent, spontaneous, instead of keeping a life style of just producing and consuming. I’ll be doing a brief history resume about the education’s function and intention, tending to ‘think in new proposal’, alternatives to be not considering schools unnecessary for our society; and think of a renewed school, that has as a starting point the reality of the actual society and their needs of the modern world.

Referências

- 5º Fórum UNIPAZ. **Educação, ciência e cultura para a paz**. Brasília, 2000.
- _____. **Crise global – Resposta integral**. Brasília, 2000.
- BUFFA, Ester. **Ideologias em conflito: escola pública e escola privada**. São Paulo: Cortez, 1979.
- ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1973, p.21 a 120.
- SAVIANNI, D. **Política e educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. **Pedagogia histórico – crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez/A. Associados, 1991.
- TEIXEIRA, A. **Pequena introdução à Filosofia da Educação**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 2005 (27ª Ed.)
- TOLLER, A. **O choque do futuro**. Rio de Janeiro: Arte Nova, 2007 (20ª Ed.)

Recebido em Abril de 2009

Aprovado em Junho de 2009